



CASAS DE BANHO – MAIS QUE UM LUGAR DE LIMPEZA DO CORPO, UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE NAS TERRITORIALIDADES URBANAS DO BRASIL E DO MUNDO (1860-1930)

MARCO AURÉLIO FERREIRA DA SILVA¹

Nossa pesquisa irá se debruçar sobre os banhos. Não das diversas formas que essa ação possa assumir. Sejam eles usados como luxo, medicinais, lascivos, milagrosos, purificadores do corpo, etc.; ou mesmo, realizados em espaços vários como os banhos de cachoeira, em gamela ou alguidar, em lagos e lagoas, rios e ribeiras, de açude, ao ar livre, de mar, turco e coletivo. Mas, sim, inclinar-se para aqueles que se davam em recintos fechados e comerciais, conhecidos como casas de banho ou salas de banho.

Para um melhor entendimento e buscando evitar confusões futuras, precisamos esclarecer ainda que não se tratará da “casa de banho”, um dos cômodos que compõe a estrutura arquitetônica da casa brasileira, já no século XIX, pertencente aos grupos mais abastados e/ou médios. É o que indica Carlos Lemos, ao empreender estudos em torno da história da casa brasileira:

Os ricos e remediados, quando seus jardins (sempre nos fundos das casas) permitiam, passaram a possuir ‘casas de banho’, verdadeiros balneários providos de tanques como se fossem pequenas piscinas, de banheiras escavadas num só bloco de mármore de Carrara, de água corrente, às vezes, até água aquecida em caldeira acoplada no lado de fora do pavilhão. Nos quartos de dormir, lavatórios providos de bacias e jarras. (LEMOS, 1989: 45)

Arremata LEMOS:

É certo que existiram as casas de banho, isto é, acomodações balneárias também nos quintais, mas completamente afastadas das ‘casinhas’, cujos odores eram incompatíveis com a limpeza corporal, sempre perfumada por essências caras vindas de fora. (LEMOS, 1989: 56)

Muito menos, aqui, a casa de banho se referirá à parte anexa de outros espaços edificadas como cadeias públicas ou casa de educandos. Desta, temos como exemplo o que foi noticiado pelo jornal diário Pedro II², do dia 11 de julho de 1860, onde na coluna OBRAS

¹ Professor Doutor e Associado da Universidade Estadual do Ceará.

² Propriedade de Miguel Fernandes Vieira e de publicação diária, exceto domingos e feriados. “Subscreve-se no escritório da Typ. – Praça Municipal – n. 14”.

PÚBLICAS, o periódico se reportava a reforma do espaço antigo dos educandos, seus gastos e da necessária construção de uma casa de banhos:

CASA DOS EDUCANDOS. – Concluída a parte nova em fins de outubro, como já disse quando tratei deste estabelecimento, ficou ella importando na quantia de 75:000\$000, não levada em conta a casa primitiva, que custou á fazenda 6:500\$000.

*Para a conclusão do edificio que consiste na reforma da parte antiga, e na construção da **casa de banhos**, cosinha, e pateo de exercícios, é ainda necessário dispende-se a quantia de 50 contos.³ (Grifo Nosso)*

Então nosso cuidado se voltará de maneira mais percuciente aos lugares comerciais privados e/ou públicos – as casas de banho. Estas muitas vezes pertencentes à municipalidade, que por sua vez, foi responsável pela construção, manutenção e administração das mesmas. Quanto a construção e gestão por parte do poder municipal, temos a publicação no diário Pedro II, de 03 de maio de 1868, de um Edital da Câmara Municipal de Fortaleza, que tratou da concorrência pública visando a edificação da “CAZA DE BANHOS”. Assim, estava impresso o edital:

CAMARA MUNICIPAL

A Camara Municipal desta capital, tendo de comprar 8 banheiras de mármore para a caza de banhos, que está construindo, convida pelo prezente as pessoas habilitadas a concorrerem com suas propostas no dia 7 do corrente ás 11 horas da manhã, na caza de suas sessões, devendo-se effectuar o contracto com quem mais vantagens oferecer ao cofre municipal.

*Secretaria da Camara municipal da cidade da Fortaleza 2 de abril de 1868
O Secretario interino,
Joaquim da Guerra Passos⁴*

Dois anos depois de lançado o edital no periódico PEDRO II para a construção da Casa de Banhos, a Câmara não havia concluído a obra. Isto porque estava envolvida em querelas políticas. A disputa entre Liberais e Conservadores em torno da originalidade do empreendimento, acabou levando a não resolução dos trabalhos de edificação. Logo um

³Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=216828&PagFis=4079>. Acesso dia: 14/03/2016.

⁴ Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=216828&PagFis=8812>. Acesso dia: 14/03/2016.

prejuízo para a população, ao interesse público. Foi o que noticiou em 2 de setembro de 1870 o Jornal de Fortaleza, em sua coluna “Chronica Geral”:

Não se decidirá o negocio das banheiras?

Si a câmara tem de recebel-as, por que não há de querer prejudicar ao comerciante, que as mandou vir da Europa, por ser o Sr. Major Carneiro, conservador extremado e amigo da situação, a quem está servindo com dedicação e sacrificio porque não é essa questão logo resolvida?

Para que esses paliativos, só detrimntosos dos interesses municipaes? Quererá a câmara adiar a conclusão da casa de banhos somente porque foi a idea iniciada pela sua antecessora, ainda que assim procedendo, grave os interesses do município?

Seria máu alvitre, por que desta sorte justificaria o conceito de manifesta parcialidade, dando lugar a suposição de que a câmara actual não quer concluir aquella obra por ter sido ella empreendida pela câmara liberal, a quem aliás devera imitar sem xxx para si, e pelo contrario comprováveis vantagens para os interesses públicos.⁵

Bem, apesar da escolha se direcionar a uma prática de banho, como acima referida, não poderíamos deixar de traçar aqui algumas linhas em torno da história do banho. E de forma sucinta, vamos delinear alguns contornos da ablução em geral para depois retornar ao que mais nos interessa – AS CASAS DE BANHO.

Banhar o corpo nem sempre significou ideia de limpeza. Para os Gregos, verbi gratia, o banho serviu como um complemento à prática dos exercícios físicos realizados no ginásio. Ele deveria ser frio e breve, “pois segundo os atenienses, o banho quente era feminilizante”.⁶ Também, simbolizou um poder transformador ou de deixar o homem grego mais atraente e confortável.

Quanto aos romanos e ao Islã, o banho está associado ao caráter de repouso e convívio, figurando como uma prática social ou mesmo simbólica.⁷

O medievo, caracterizado por uma doutrina cristã que se espalhou por todos os setores da sociedade, findou por impor uma moral ao corpo, tendo como corolário a alteração dos

⁵ Folha Política, Commercial e Noticiosa: sustenta as Ideas Liberais. Redator Principal – Bacharel Benvindo Gurgel do Amaral. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721247&PagFis=567>. Acesso dia: 14/03/2016.

⁶ SCHUTZ, Picolo; SCHAEFER, Murilo Marluce e FRANÇA, Ana Julia Von Borell du Vernay. **Linha do Tempo: A História da Higiene e do Embelezamento.** <http://siaibib01.univali.br/pdf/Camila%20Schutz,%20Murilo%20Schaefer.pdf>.

⁷ Texto de Maria José Mauperrin – Expresso, 21 de Setembro de 1996 – <https://sites.google.com/site/pequenashistorietas/historia-de-portugal/historia-do-banho>.

costumes referentes à limpeza corporal, logo da ablução. Como informam FRANÇA, SCHAEFER E SCHUTZ:

Diferentes das doutrinas que enalteciam a pureza do corpo na Antiguidade, a religiosidade contribuiu muito para o retrocesso nos hábitos de limpeza vigentes no medievo. No cristianismo, o espírito ganha ênfase e o aspecto físico é posto em segundo plano. Os banhos passaram a ter caráter quase profano e remetiam às religiões pagãs de Roma, e foram desaparecendo gradativamente. O corpo, possível templo de Deus, estava sujeito a tentações e o banho poderia despertar a vaidade. (FRANÇA, SCHAEFER E SCHUTZ: 9)

Já na era moderna, mais precisamente no século XIX, temos um retorno ao experimento gradativo da ablução. Daí

No século as pessoas [...] esperavam instalações de canos e gradativamente criavam coragem para o hábito por tanto tempo condenado. No geral, a limpeza continuava sendo feita por bacias e jarros para os pés, ou banheiras rasas e esponjas para o corpo. O banho completo, para muitos europeus, apenas se deu no século XX e antes disso era muito comum que os manuais de higiene fossem distribuídos. O século XIX é o início de como vemos o banho hoje em dia. (FRANÇA, SCHAEFER E SCHUTZ: 15)

Essa tradição europeia de limpeza corporal, através do banho, destoava da prática individual das abluções no Brasil. Havia aqui [...] “uma verdadeira paixão por banhos fluviais e de mar, relatados pelos cronistas”. (WEHLING, Arno e WEHLING, Maria, 1994: 259)

Em CASA GRANDE E SENZALA, Gilberto Freyre nos fala da surpresa e do espanto dos cronistas (Franceses e Alemães) pela frequência do banhar-se entre os caboclos locais. Conta-nos, ainda, da surpresa dos primeiros portugueses e franceses, que aportaram na porção sul da América, diante desse hábito:

Em contraste com tudo isso é que surpreendeu aos primeiros portugueses e franceses chegados nesta parte da América um povo ao que parece sem mancha de sífilis na pele; e cuja maior delícia era o banho de rio. Que se lavava constantemente da cabeça aos pés; que se conservava em asseada nudez; que fazia uso de folhas de árvores, como os europeus mais limpos de toalhas de enxugar as mãos e de panos de limpar menino novo; que ia lavar no rio a sua roupa suja, isto é, as redes de algodão – trabalho esse, a cargo dos homens. (FREYRE, 1995: 113)

Na obra *SOBRADOS E MOCAMBOS*, Freyre retoma a prática dos banhos em tempos das gentes dos sobrados urbanos e dos mocambos. Dos primeiros destacou o “banho salgado [...] da fidalguia e da burguesia brasileira”, do “banheiro de palha”, do “banho mais característico da gente de sobrado [que] foi o de gamela e o de assento, dentro de casa. O banho de cuia” e do uso do sabão. (FREYRE, 1998: 196) No que se refere aos segundos, “obrigada aos mais duros trabalhos”, dispôs o seguinte:

*Porque o banho, o negro, a gente de povo mulata – e não apenas a mameluca e a cabocla – nunca se mostraram inimigos no Brasil. A tradição de excessivo gosto da água de bica, em regalos de banho ou pelo menos de lava-pés, não se encontra só no Norte; também no Centro e no próprio Sul do País. O muleque brasileiro tornou-se célebre pelo seu gosto de banho de rio. Os jornais da primeira metade do século XIX e até da segunda estão cheios de reclamações contra moleques sem-vergonha, e mesmo **homens feitos**, que, nos lugares mais públicos, ou a pé dos sobrados mais nobres, despiam-se de seus mulambos, de seus trapos de estopa ou de baeta, e iam tomar banho completamente nus. (FREYRE, 1998: 197) (Grifo nosso)*

Nos casos dos moleques e dos “homens feitos”, mote dado por Freyre acima, que tomavam banhos nus e em público, não deixaram de ser alvos dos Códigos de Posturas municipais.⁸ Estas que aparecem em começos do século XIX procuravam dar uma nova e mais eficaz funcionalidade à cidade, para que seu ordenamento – hábitos, sociabilidades e espaços de vivências – estivesse de acordo com as pretensões civilizatórias e modernas. É o que visualizamos no caso dos banhos ao ar livre/público e sua normatização por parte dos primeiros códigos da cidade de Fortaleza.

No relato de suas memórias de infância, Gustavo Barroso nos fala de um passeio pela manhã de quinta-feira, dia de folga (quando não houve aula), que realizara com sua tia até o Parque da Liberdade (Hoje Cidade da Criança), onde existia um “[...] grande lago represado em margelas de cimento como um tanque, que foi a antiga Lagoa do Garrote”. (BARROSO, s.d.: 27) Naquele dia, ele vira no reservatório do Pajeú “caboclinhos e moleques” a tomarem banho livremente, o que lhe causou inveja, mesmo que por um instante, por não poder brincar

⁸ Os Códigos de Posturas objetivavam “defender” a rua, limitando os abusos do particular e da casa (sobrados urbanos). Com elas, houve restrições à liberdade dos particulares, proibindo-se, por exemplo, aos proprietários de casas dentro das cidades certos absurdos, como as biqueiras que lançavam suas águas sobre a rua; o hábito de criar animais soltos no meio da via pública (ex.: porco, cabra, ovelha etc.); a lavagem de roupas nas bicas do centro das cidades pelas negras dos mucambos; a surra de escravos por parte dos senhores dos sobrados quando após o sino da igreja badalasse nove horas da noite etc.. Cf. FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**.

como eles, porque ele (o memorialista) era um filho-família. Isso por si só demonstra a diferença de hábitos, sendo o banho de lagoa e/ou rio um costume que não deveria ser mais praticado, mas sim evitado por ir de encontro às posturas do município. Afinal de contas, a cidade e, em específico, a rua deveria ser o cartão de visita de uma cidade moderna. Leiamos o trecho da memória:

Do Parque vamos ao Reservatório do Pajeú, construído na seca de 1845 pelo Senador Alencar e melhorado na de 1877, pelo Barão de Sobral, todo coberto de aguapés e pacaviras, menos nos lugares onde a meninada dos arredores costuma tomar banho. Caboclinhos e moleques das choupanas próximas ali se atiram à água com o sol a dourar-lhe os corpos escuros, acobreados, mergulhando aos pulos, nadando de braço ou de cachorro, jogando cambapé.

Como são felizes! Fico com tanta inveja que um instante desejo ser antes um moleque do que um filho-família. (BARROSO, s.d.: 27)

Esse pitoresco acontecimento, que demonstra um momento de lazer daquelas crianças de então, contrasta sobremaneira com o que exigia o Código de Posturas de Fortaleza de 1870. Ele não só proibia o banho de lagoa e/ou de rio, como ameaçava com punição ao infrator da postura. É o que nos informa Eduardo Campos:

O título VI (“Medidas Preventivas”), em capítulo de n.º II, legisla sobre “bulhas, vozerias, obscenidades e ofensas à moral”, com a novidade: punição para a pessoa que se banhar à luz do dia “no corrente da rua do Poço, na Lagoa do Garrote, Pajeú e outros lugares expostos às visitas dos viandantes, ou de quem estiver em casa”. (CAMPOS, 1988: 109)

Entretanto, essa regra municipal, que atenta para a condução e a preservação de um pudor e de uma moral comunitária, já estava presente em códigos anteriores, em que “os banhos na Lagoa do Garrote (depois, Parque da Liberdade), em que se empenhavam os rapazes nus, [provocou] a vigência do Art. 70, de posturas do dia 11 de maio de 1849, proibindo a apresentação de qualquer pessoa despida ‘das seis horas da manhã às 6 horas da tarde’”. (CAMPOS, 1988: 85)

Como vimos até aqui, nesse breve apanhado sobre a prática do banho, a maioria dos estudos, associa-o à higiene e a saúde corporal, à propósitos terapêuticos ou lúdicos. Porém, ao nos debruçarmos sobre a modalidade escolhida – casas de banho ou salas de banho –,

vemos que a função de higiene é extrapolada. Ela acaba se alargando para outras funções sociais, não se restringindo a mera limpeza do corpo. Principalmente, porque são diversos os indícios de pesquisa apontando que as mesmas serviram de espaços de sociabilidades para interações sociais distintas. Um espaço de sociabilidade que se prestou, por exemplo, a “rendez vous” discretos ou nem tanto assim ou que ainda favoreceu encontros para relações e acordos comerciais. O que logo veremos através das notícias dos jornais cearenses.

Mas antes de prosseguir com o apontamento sobre as casas de banho no Ceará, gostaríamos de falar de como surgiu esse tema e nosso interesse.

Ele surge na missão de pesquisa realizada pelo Grupo de Práticas Urbanas (GPUR), em setembro de 2014, na cidade de Aracati, quando mantivemos uma conversa (in)formal com o escritor aracatiense e memorialista das coisas de sua terra natal, o Sr. Antero Pereira Filho. Nessa prosa, onde dialogamos sobre um pouco de tudo das memórias e fatos do Aracati, tivemos a primeira notícia da prática de banhos em lugares públicos e comerciais no Ceará. Na interlocução do grupo com o Sr. Antero, ele nos inteirou de diversas casas de banho e seus frequentadores. São os casos de: QUINCAS CANUTO, ROSA QUIRINO, ZÉ ANÃO e D. JÚLIA.⁹

Saímos desse rico e descontraído bate-papo instigados e curiosos com o assunto que veio a baila. E com base nos primeiros dados dessa prática costumeira em terras do Ceará, seguimos nossa busca por maiores informações. Ao longo dessa procura, mais uma vez ficamos diante de informações, mais precisas, do próprio Sr. Antero, quando este escreve um artigo de título, BANHEIROS PÚBLICOS DE ARACATI, publicado em 14 de Janeiro de 2016 na página virtual da Associação Artístico Cultural Lua Cheia da cidade do Aracati. A narrativa do Sr. Antero nos brinda com o imediato apontamento de que a sua urbe litorânea conheceu [...] “a existência [...] dos populares banheiros públicos que aqui funcionaram nas décadas dos anos quarenta e cinquenta”. O senhor Antero manifesta ainda os detalhes: arquitetônicos, da mobília, dos cômodos, dos lugares dos banhistas, dos assuntos das conversas, dos horários de funcionamento etc., numa espécie de descrição densa e rica. Descrição essa de alguém que parece ter sido um dos seus vezeiros:

⁹ Para maiores informações da prática das casas de banho na cidade de Aracati, ver artigo completo do Sr. Antero no endereço: <http://www.luacheia.art.br/aracati/memoria/508-banheiros-publicos-de-aracati.html>.

Esses banheiros, em sua maioria, eram construções simplórias, compostos de um reservado onde ficavam os tanques de cimento para o banho de cuia, e o boteco na antessala do banho, com seu balcão de madeira ou de cimento e uma prateleira por trás, repleta de garrafas de cachaça. A mobília eram tamboretas de três pernas com assento redondo, um tosco e comprido banco de madeira encostado na parede de frente para o balcão, onde ficavam sentados os banhistas e frequentadores, bebericando e conversando, esperando sua vez de tomar o banho.

Eram visitados exclusivamente por homens, geralmente das classes menos favorecidas que se utilizavam do banheiro para tomar banho – naturalmente –, tragar uns goles de cachaça e conversar com os amigos depois de um dia de trabalho. No banheiro se conversava a respeito de tudo. Do pouco salário que recebiam da carteira profissional que não era assinada, discutiam futebol e falavam da vida alheia como era costume. O horário de funcionamento desses banheiros era normalmente das seis horas da manhã até às sete horas da noite, quase nunca se estendiam além desse período de permanência.¹⁰ (ANTERO FILHO, 2016)

Na medida em que as investigações prosseguiam sobre o tema das casas de banho, instigados que estávamos pelas informações do Sr. Antero, acabamos por encontrar no material coletado das missões de pesquisa nas cidades do Ceará (Fortaleza, Aracati, Sobral, Quixadá e Crato), o indicativo de outras espacialidades em que houve a existência também de casas de banho/salas de banho. Muitas dessas experiências estavam mais recuadas no tempo em relação ao afirmado pelo Senhor Antero, as décadas de 40 e 50 do século XX. Percebe-se, então, que era uma prática existente em tempo mais recuado, retroagindo, por exemplo, ao século XIX e fazendo parte do cenário de outras cidades. Seja o caso da capital, Fortaleza, ou de outra comunidade do interior do Estado, como foi o registrado no Crato.

A experiência do Crato aparece ao examinarmos o material compilado na Missão de Pesquisa – Crato, principalmente o hemerográfico, no qual demos de cara com um anúncio publicado em diversas edições do Jornal Cidade do Crato,¹¹ de uma **CASA DE BANHO**. Vejamos o anúncio do impresso de domingo, dia 29 de dezembro de 1901, número 10, ano 1:

CASA DE BANHO

Acha-se aberta das 6 e ½ da manhã as 9 e ½ da noite.

Está nas condições de satisfazer às exigências do público.

É dividida em seis compartimentos, tendo banheiros para senhoras e para homens, havendo completa independência entre eles.

¹⁰ <http://www.luacheia.art.br/aracati/memoria/508-banheiros-publicos-de-aracati.html>. Acesso dia: 14/03/2016.

¹¹ Jornal pertencente ao acervo do Instituto Cultural do Crato (ICC). Diretor Político – Coronel José Belem. Seu EXPEDIENTE – “A ‘Cidade do Crato’ publica-se semanalmente. As publicações de interesse particular, os anuncios dependem de contractos, sendo o pagamento adiantado”.

*Chamamos a atenção dos frequentadores para o BUFFET onde encontrarão bebidas leite etc.
Rua da Valla esquina da Travessa de S. Vicente.*

Para ilustrar a capital Fortaleza, elencamos a propaganda **CASA DE BANHOS** que saiu no jornal O Libertador¹² de 18 de outubro de 1883:

CASA DE BANHOS

O abaixo assignado declara ao respeitável publico d'esta capital que, este estabelecimento acha-se aberto a toda e qualquer hora do dia ou da noite com o devido acceio, pontualidade da parte do encarregado e o diminuto preço de costume.

Espera-nos bons apreciadores seus auxílios; garantindo que não hão de encontrarem o contrario do que fica exposto.

*Fortaleza, 17 de outubro de 1883
Domingo Ferreira Costa.*

No ALMANACH DO ESTADO DO CEARÁ,¹³ edições de 1896, 1897 e 1899, nós vamos encontrar da mesma forma registros das Casas de banho. Nas duas primeiras edições acima referidas, temos uma nota a partir da publicação da Tabela B, do Governo do Estado, Palácio da Presidência do Ceará, que se referia às taxas e seus valores do “Imposto de Indústria e Profissão”. Ali se escrevia, tanto no ano de 1896, quanto no ano de 1897, em seu Art. 1º: “O imposto de indústria e profissão é devido por todos os que individualmente ou em companhias ou sociedades anonyma e comercial, exerceram, no Estado, indústria ou profissão, arte ou officio, e será arrecado do modo seguinte”. A partir dessa normatização, as **casas de banhos** eram taxadas dentro do rol elencado no capítulo da Indústria e da Profissão. Ao figurarem como estabelecimentos comerciais, era imperativo às mesmas a paga de impostos. As taxadas foram nesse caso estipuladas da seguinte forma:

*[Ano 1896]
N. 41 Casa de banhos
Na capital 10\$000
Nos outros logares 5\$000*

¹² Diário da Tarde. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=229865&PagFis=1516>. Acesso dia: 14/03/2016.

¹³Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=817295&PagFis=963>. Acesso dia: 14/03/2016.

[Ano de 1897]

N. 42 Casas de banhos, na capital 10.000

Nos outros logares 5.000

Quanto a essas taxações, fonte de arrecadação e receita, já em 1880 e 1891 (Império e República) o Estado fazia publicar no periódico **O CEARENSE**¹⁴ as seguintes normatizações:

[1880]

PARTE OFFICIAL

Governo da Província

Actos Legislativos

Resolução N.º 1933 de 15 out. 1880.

N. 54

Orçando a receita e fixando a despeza das camaras municipaes da Província no anno de 1881.

Andre Augusto da Padua Fleury, do Conselho de sua Magestade o Imperador, Commendador da Ordem de Christo, Presidente da Província do Ceara etc.

Faço saber a todos os seus habitantes que a assembléa legislativa provincial sob proposta das diversas camaras municipaes, decretou a resolução seguinte:

CAPITULO I

Art. 1.º – As rendas municipaes para o anno financeiro de 1881 são classificadas em geraes e especiaes:

[...]

Art. 3.º – São rendas especiaes, arrecadáveis pela câmara da capital.

§ 13. Rendimentos da casa de banhos.

Voltando a edição de 1899 do mesmo ALMANACH DO ESTADO DO CEARÁ, vamos nos deparar com o levantamento dos diversos estabelecimentos comerciais, de lazer, religiosos etc. do Estado, onde se contabilizou naquele instante e na capital o número existente de duas casas de banhos. No capítulo de título “COMMERCIO – ESTYLOS E USOS COMMERCIAES DA PRAÇA DA FORTALEZA” (p. 93), há o Item CASAS DE BANHO (p. 99), do qual adquirimos as seguintes referências, constando os nomes de seus proprietários e suas localizações:

CASAS DE BANHOS

Francisco Fernandes – R. da Misericórdia

Francisco Bembem – R. Tristão Gonçalves.¹⁵

¹⁴ Orgão Liberal. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709506&PagFis=13130>. Acesso dia: 14/03/2016.

Este último proprietário identificado pelo ALMANACH, vai ser destaque no hebdomário O FIGARINO, que saiu em 15 de março de 1896. Essa edição vai se referir ao Bembem da seguinte maneira:

*O bembem vae “pintar os canecos”.
Fez uma reforma em sua casa de banhos e estabeleceu um regulamento interno aos banhistas que no fim “da certo”.¹⁶*

Como se vê, não poderíamos ignorar ou manter em silêncio a existência desse *mores* nos espaços citadinos cearenses. Ou seja, fez-se preciso uma melhor compreensão da prática dos banhos em lugares comerciais e públicos incorporados ao comércio e ao serviço e que não estava restrito tão somente a capital. Mas que ganhou forma e se espalhou por vilas, povoações e zonas interioranas.

Retornemos agora aos pontos propostos anteriormente em torno das salas de banho, que tratam do seu lugar num tempo mais pretérito e de seus usos para além da higiene do corpo. No concernente a experiência mais recuada temporalmente, os destaques mais antigos por nós compilados se acham em duas folhas jornalísticas do século XIX. Elas dão conta da presença de uma casa de banho localizada abaixo da Fortaleza, a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. A primeira folha é o CEARENSE, que veio a público no dia 26 de julho de 1867, trazendo em sua coluna NOTICIARIO a comunicação seguinte:

*BANHO PUBLICO. – Acha-se estabelecido em um sitio, abaixo da fortaleza, uma casa de banhos.
Não se pode negar que era uma necessidade muito palpitante, que convinha ser satisfeita. Por preço modico encontra o publico ali um excelente banho.¹⁷*

¹⁵ Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=817295&PagFis=1825>. Acesso dia: 14/03/2016.

¹⁶ O Figarino. Anno 1, Número 46, p. 2. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=815152&PagFis=154>. Acesso dia: 14/03/2016.

¹⁷ O Cearense. Edição 2424, p. 4. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709506&PagFis=7507>. Acesso dia: 14/03/2016.

A segunda folha é o diário PEDRO II de 24 de julho de 1867, que também em sua coluna de ANNUNCIOS, trazia a menção ao que supomos ser a mesma casa de banhos situada por baixo da fortaleza. Vejamos:

CAZA DE BANHOS
Contigua a casa do Sr. Francisco Pirrallo, entrada por baixo da Fortaleza, cancella pintada de verde.
ASSIGNATURAS
Por vez.....2\$000
Por 20 cartões (100 rs.) 2\$000
Cartões avulsos.....160
N.B. – Não se fornece toalhas.¹⁸

Essas informações da presença de uma casa de banho nas proximidades da Fortaleza de N. S. de Assunção são corroboradas por Paulino Nogueira e João Brígido, ao produzirem artigos publicados na Revista Trimestral do Instituto do Ceará. Na edição 3, do ano de 1899, Paulino Nogueira tratando dos Presidentes do Ceará, período Regencial e do 7º Presidente Senador José Martiniano de Alencar, aludiu em breve trecho de seu trabalho sobre a casa de banhos da municipalidade, estabelecida abaixo da Fortaleza. Suas coordenadas são bastante precisas:

As aguas por fim iam lançar-se no Maceió, abaixo da fortaleza, formando antes uma aguada publica, de grande proveito para as lavadeiras de roupa. Passavam essas aguas por uma ponte, que ainda existe inabalável, no caminho da praia, pela rua Senna Madureira, ao chegar á Casa de banhos da municipalidade.¹⁹

Da mesma forma, João Brígido ao escrever sobre “Ephemerides do Ceará”, na edição 1 e 2, do ano de 1900 da Revista do Instituto, fez observação sobre a casa de banhos da municipalidade.

¹⁸ Pedro II. Anno XXVIII, n. 159, p. 4. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=216828&PagFis=8016>. Acesso dia: 14/03/2016.

¹⁹ Revista Trimestral do Instituto do Ceará. 3º - 4º Trimestre. Anno XIII. Tomo XIII. Edição 3, p. 199. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144843&PagFis=3579>. Acesso dia: 14/03/2016.

O riacho Pajehú formava primitivamente na sua barra, um cambôa, pela qual entravão as embarcações miúdas, dando desembarque a leste da fortaleza, no espaço agora ocupado pela casa de banhos da municipalidade.²⁰

Por fim, tratemos nesse instante dos usos distintos e diversos desse ambiente público e comercial, que surge a princípio com o fito de servir à limpeza corporal, mas que acabou por exorbitar em seus usos. Antes disso, porém, vejamos um fato inusitado ocorrido numa casa de banhos na vila de Arronches (Hoje bairro da Parangaba). Para simples registro, o Gazeta do Norte, anno IX, n. 258, de 19 de novembro de 1888, na seção TELEGRAMMAS, assim publicou:

Dr. Gil Amora

Fomos dolorosamente surpreendidos com a noticia do inesperado e prematuro passamento do dr. Gil Amora, na Villa de Arronches.

Foi victima de uma congestão e sucumbiu em uma casa de banhos, despercebido de todos da família, que foi tão cruelmente surpreendida com a certeza de que o ilustre moço já não existia.

[...]

Apresentamos pezames á sua inconsolável viúva, e a seu respeitável sogro, o estimável sr. Manoel da Silva Albano.

(Do Jaguaribe).²¹

Quanto a utilização diversa da originária (Higiene do corpo), duas das nossas fontes jornalísticas revelaram o emprego das casas para outras finalidades. Os ambientes foram empregados para encontros, sejam de caráter comercial e/ou amorosos. Uma delas tratou do propósito comercial, que foi o jornal LIBERTADOR²² e a segunda folha, O CEARENSE, cuidou de um encontro amoroso e noturno marcado por um violento desentendimento.

O primeiro periódico deu a seguinte notícia:

ANNUNCIOS

Aluga-se um armazém na rua do Cond'Eu nº 25, a tratar na Casa de Banhos.²³

²⁰ Idem. Edição 1 e 2, Anno XIV. Tomo XIV, p. 18. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144843&PagFis=3742>. Acesso dia: 14/03/2016.

²¹ Gazeta do Norte, 19 de novembro de 1888, p. 1. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103950&PagFis=7380>. Acesso dia: 14/03/2016.

²² Libertador. Diario da Tarde. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora.

²³ Libertador. Fortaleza, 29 de julho de 1889, nº 169, p. 3. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=229865&PagFis=3701>. Acesso dia: 14/03/2016.

O que comprova a apropriação por parte de seus usuários, dando uma nova significação ao espaço. Ou seja, há ressignificação desse lugar de sociabilidade.

O segundo jornal, O CEARENSE, dispõe de uma história intrigante de rendez vous e seu violento desfecho. O texto jornalístico traz uma brilhante e rica descrição do fato ocorrido no interior da casa de banhos da municipalidade. O que vem também a corroborar com os usos e ressignificações de um local que se pretendia para a limpeza pública dos fortalezenses. Deixemos que ele fale:

O banho da meia noite. – Remettem-nos o seguinte:

João Paulo de Aquino, administrador da casa de banhos, de propriedade da câmara municipal, á rua do Conde d’Eu, foi não há muito tempo, victima de uma violenta agressão.

Aparecendo ali Tristão de Araripe Farias, á meia noite, em companhia de alguém, bateu á porta e apresentando-se o Sr. Aquino, pediu-lhe um banho, no que foi satisfeito em tempo.

O banho era não para Tristão, mas para sua companhia, que se encaminhou para o compartimento, que lhe fora indicado, apenas soubera, que tudo estava preparado.

Nesse interim, Tristão pediu um punch um tanto forte e, obtido que foi, dirigiu-se em busca da companhia.

O Sr. Aquino com as atenciosas maneiras com que a todos costuma a tratar, fez ver a Tristão, que tinha preparado um banho para um sò, e não admitia, que dous o desfructassem; que, si porventura também precisava refrescar-se, fácil era satisfaze-lo.

Tristão se mostrou desarrazoado em admitir a justa reflexão do Sr. Aquino, exaperou-se, insultou-o, e por fim atirou-lhe ao rosto um copo, que feriu e fez-lhe perder muito sangue.

Sentindo-se assim desacatado, o administrador da Caza de banhos procurou desforçar-se, do seu agressor e, levando-o de encontro á parede, deu-lhe uma lição, que muito tempo lhe ficará gravada na....memória.

Tristão não se retirou logo, apesar de haver o Sr. Aquino apitado, chamando a policia em seu socorro.

Vociferou muito e entre tudo que disse, sobre sahiu a promessa formal de obter logo da Camara a demissão do seu contendor.

A lua já descambava muito, quando Tristão se resolveu a tomar o seu Mazzepa, que garboso com a dupla carga tratou certo para as bandas da Aldeiota.²⁴

Sabemos através das informações do Sr. Antero Pereira Filho, que as casas de banho, no caso do Aracati, perduraram até as décadas de 40 e 50 do século passado. Talvez devido à

²⁴ O CEARENSE. 10 de dezembro de 1880. Anno XXXV. N. 157, p. 2-3. Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709506&PagFis=13173>. Acesso dia: 14/03/2016.

demora ao acesso a água encanada e potável para muitas famílias. Pois o custo desse serviço era altíssimo e acessível para uma pequena minoria.

No início do século XX, a Capital ainda apresentava problemas de abastecimento de água e de rede de esgoto. Ela supria essa necessidade de água recorrendo ainda às cacimbas cavadas nos fundos dos quintais das casas ou em praças públicas. Onde para fazer a elevação d'água utilizavam os cata-ventos ou moinhos de vento. Só em 1926 o serviço oficial de água e esgoto seria implantado. O que, com certeza, provocaria modificações na vida cotidiana familiar e também na estrutura da casa.

Como bem destaca Carlos Lemos sobre os cômodos da casa e sua disposição no espaço familiar, que se adequaram às novas tecnologias usadas na construção:

O alto custo dos materiais de hidráulica e a nascente influência norte-americana confinaram num mesmo espaço a latrina, a banheira, semicúpio – também usado na lavagem dos pés dos moleques –, o lavatório e o chuveiro. Convivência forçada pelas conveniências tecnológicas que também aproximaram dessa trama de tubulações a cozinha, igualmente merecedora, em nome do conforto, de água corrente na pia das panelas. Desse modo, a casa brasileira entrou no século XX ostentando esses cômodos necessariamente vinculados, grudados, inseparáveis, mesmo nas casas assobradadas, o banheiro era sempre no pavimento térreo, ao lado das panelas. Com a popularização das lajes de concreto armado é que o banheiro passou a ficar justamente em cima da cozinha, garantindo a proximidade sempre econômica. (LEMOS, 1989: 56-57)

Bom! Com essa última notícia, desfechamos aquilo que propomos, a princípio, ser um apontamento ou caderno de anotações de alguns dos costumes que marcaram as territorialidades urbanas cearenses. Um desfecho provisório, porque há muito a se destacar, falar e compreender dos costumes comuns de nossa gente. Inclusive porque visualizamos a possibilidade de realizarmos estudos comparativos. Principalmente quando encontramos vários indícios/documentos que demonstram prática semelhante realizada e que se espalhou em outros espaços urbanos brasileiros, como por exemplo, Recife e Rio de Janeiro.

Assim, com tal constatação de hábitos similares em outras cidades do Brasil, a partir da pesquisa documental, esperamos, em breve, dar continuidade aos estudos e pesquisas sobre os costumes em comuns. Desta vez envolvendo pontos de encontros, semelhanças e diferenças nos usos costumeiros de algumas cidades brasileiras e em especial do Ceará.

Talvez com a pretensão de “Comparar” realidades históricas diferenciadas, mas também capazes de interagir umas com as outras, [implique] tanto em reconhecer a ‘diferença’ como em adotar uma perspectiva mais planetária: compreender simultaneamente que as culturas e sociedades são diferentes, e que a humanidade é uma só”. (BARROS, 2014: 163-164)

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Periódicos

ALMANACH DO ESTADO DO CEARÁ; ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPÉRIO DO BRAZIL PARA 1883 (Rio de Janeiro); Gazeta do Norte (Fortaleza); Jornal Cidade do Crato (Crato); O Cearense (Fortaleza); O Figarino (Fortaleza); O Libertador (Fortaleza); Pedro II (Fortaleza); Revista Trimestral do Instituto do Ceará (Fortaleza).

BIBLIOGRAFIA

BARROS, José D’Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BARROSO, Gustavo. **Coração de menino**. 2. ed. Fortaleza: [s.ed.], [s.d.].

CAMPOS, Eduardo. **A Fortaleza Provincial: rural e urbana**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.

PEREIRA FILHO, Antero. “Banheiros Públicos de Aracati”. In: **Associação Artístico Cultural Lua Cheia**. Aracati: 2016 <http://www.luacheia.art.br/aracati/memoria/508-banheiros-publicos-de-aracati.html>.

FRANÇA, Ana Julia Von Borell du Vernay; SCHAEFER, Murilo Marluche e SCHUTZ, Camila Pícolo. **Linha do Tempo: A História da Higiene e do Embelezamento**. <http://siaibib01.univali.br/pdf/Camila%20Schutz,%20Murilo%20Schaefer.pdf>.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 30. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____. **Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HOLZER, Werther. “Uma Discussão Fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente”. **Revista TERRITÓRIO**, ano II, nº 3, jul./dez.. 1997.

Jornais Cearenses em Microformas, Catálogo Geral. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.

LEMO, Carlos. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

NOGUEIRA, João. “Hábitos e costumes cearenses”. IN: GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

SAUER, Arthur. **ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPÉRIO DO BRAZIL PARA 1883**. Rio de Janeiro: Casa dos Editores Proprietário, 1883.

SILVA, Marco Aurelio F. **Decifra-me ou devoro-te: Tristão de Alencar Araripe Jr. E o mito do Ceará moleque**, 1995. Dissertação (Mestrado em História) UFPE. Recife.



WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José C. de. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.